

A HOSPITALIDADE HUMANA – O MINISTÉRIO DA HOSPITALIDADE

Henri Caffarel

*Excertos de L'Anneau d'Or – O matrimônio, esse grande Sacramento
número especial 111-112 – Maio-Agosto 1963 (páginas 273 a 287)*

«Batei e abrir-se-vos-á». Grande coisa é a hospitalidade. E tomo este termo no seu sentido forte. Assim, o casal, através da prática da hospitalidade, contribui para a vida e para o crescimento do Corpo Místico de Cristo. Este é um aspecto essencial, específico e insubstituível da missão apostólica do casal.

A prática da hospitalidade, demasiado descurada, é, contudo, tão importante. Ao lado do ministério sacerdotal, do ministério da palavra, do ministério da caridade... há na Igreja um «ministério da hospitalidade». E por quem seria ele exercido se não, em primeiro lugar, pelo casal cristão?

Vem a minha casa.

Ninguém oferece hospitalidade em casa do vizinho nem debaixo de um carvalho na floresta ou à beira da estrada, mas **diz-se ao amigo: «Vem a minha casa»**. Já alguma vez refletistes nesta frase surpreendente: *Vem a minha casa?* Ela sugere que o acolhimento é, em primeiro lugar, de ordem espiritual, que eu vou abrir ao meu hóspede o meu «eu», o meu próprio coração. Porque a minha casa sou eu, o meu eu ampliado. A casa está para mim como o corpo está para a alma, ela pertence-me como o meu corpo sou eu. E, tratando-se do casal, da família, há que dizer da casa que ela é o próprio corpo da família. A casa está ligada à família assim como o corpo à alma. A família «faz» a sua casa, como o caracol segrega a sua concha.

Na hospitalidade, a casa desempenha um grande papel; introduz o visitante no coração da família, cuja alma profunda ela traduz.

Breve filosofia da casa

Se pensarmos nas centenas de milhares de «pessoas deslocadas», então talvez percebamos melhor o significado profundo da casa. Em primeiro lugar, ela reúne, situa uma pessoa, física e moralmente. Quase não é pessoa quem não tem um abrigo, o vagabundo, o que não tem domicílio. A casa faz mais do que localizar, *enobrece*: na divisão da terra tivemos direito a um quinhão, a uma porção do planeta. A função principal desta casa à qual devemos o fato de nos situarmos e de sermos enobrecidos é *proteger* das intempéries, sem dúvida, mas ainda mais da multidão desumanizante. Ela promove a intimidade; graças a ela, sabemos onde nos encontrarmos, onde nos reunirmos. É aí que a comunidade familiar toma forma, que a família desempenha as suas tarefas essenciais: é aí que nos amamos, é aí que damos a vida, que recuperamos as forças físicas e morais, que se cura o doente, que descansamos, que

nos descontraímos; é aí que celebramos o culto do Senhor, que acolhemos viajantes e amigos.

A casa tem a função de proteger, mas deve ter o cuidado de não isolar, razão pela qual as paredes têm janelas e portas. Assim, ela reflete as duas aspirações essenciais e complementares da pessoa humana: a necessidade de recolhimento, de intimidade, e o desejo de comunhão com os outros. Discreta e aberta, a casa deve ser uma coisa e outra, defender a família de duas ameaças opostas: o individualismo, que faz com que as pessoas se fechem em si mesmas, e se bastem a si próprias, e o comunitarismo que dissolve o indivíduo na massa.

Esta **breve filosofia da casa** leva a apreciar o grande privilégio que é uma habitação, um domicílio. Possa ela levar-vos a refletir num aspecto da questão social: a situação de todas essas famílias que não têm habitação ou, pelo menos, não dispõem de um espaço vital suficiente.

Assim, a hospitalidade vai consistir em fazer os outros beneficiar dos recursos da casa: abrigo, proteção, alimento, descanso. Mas, contudo, isso não é o melhor do que ela pode oferecer. Mais ainda do que abrir a casa, é importante abrir a comunidade familiar. Abrir a porta deveria significar sempre abrir os corações. A verdadeira hospitalidade é para os cônjuges oferecer a irradiação de seu amor.

A lei da hospitalidade entre os beduínos do deserto determina que o hóspede nunca deve partir de mãos vazias: gostaria de acrescentar que ele não deve partir com o coração vazio. Ele deve levar da sua estadia recordações que permaneçam e o reconfortem nas horas de solidão e de angústia.

Como dar

Mas nunca devemos esquecer que a maneira de dar vale mais do que aquilo que oferecemos. Os orientais têm uma grande preocupação em mostrar ao hóspede que ele é o dono da casa e que quem recebe é seu devedor.

Aquela pessoa que entra debaixo do nosso teto não terá muito mais a dar-nos do que a receber de nós? Ela conhece outras regiões da terra, outros ambientes, outras mentalidades, outras atividades, outras experiências. Mas, de fato, é uma grande arte despertar a confiança do hóspede, adivinhar o que ele tem a dizer e a confiar, incentivá-lo a exprimir-se, despertar nele a alegria de ser escutado com interesse, de ser compreendido.

Digo que precisamos de nos abrir aos conhecimentos, às riquezas do outro; mas a principal riqueza que ele traz é ele mesmo. O hóspede é um ser sagrado. Um exemplo admirável desta forma de pensar é a página do Gênesis que descreve o acolhimento de Abraão às três personagens misteriosas que se apresentam à entrada de sua tenda junto dos carvalhos de Mambré.

Como se explica então esse caráter sagrado do hóspede em tantas civilizações? Não será que está adormecido no coração de cada pessoa o pressentimento de que um dia Deus há-de vir ao meio dos seus com o rosto do viajante e que não podemos correr o risco de o repelir?

Quem tem esta estima pelo hóspede não vai esperar que alguém venha bater-lhe à porta, ele saberá convidar. Esta é a primeira manifestação da virtude da hospitalidade. A intuição do coração faz descobrir facilmente a quem dirigir o convite.